

Truman Capote

MÚSICA PARA
CAMALEÕES

tradução de
Paulo Faria

LIVROS DO BRASIL

UMA CANDEIA NUMA JANELA

Certa vez, convidaram-me para um casamento; a noiva sugeriu que eu viajasse de Nova Iorque para norte no carro de dois outros convidados, um casal cujos elementos davam pelos nomes de Mr. e Mrs. Roberts e que eu não conhecia. Era um dia frio de abril, e, durante a viagem de carro até ao Connecticut, os Roberts, um casal de quarenta e poucos anos, pareceram-me bastante simpáticos — não eram pessoas com quem me apetecesse passar um fim de semana prolongado, mas não eram maus de todo.

No copo-d'água, todavia, o álcool correu a rodos, e os meus motoristas emborcaram, diria eu, um bom terço do total. Foram os últimos a abandonar a festa, cerca das onze da noite, e a ideia de os acompanhar deixou-me alarmado; sabia que eles estavam bêbedos, mas não me apercebera até que ponto. Tínhamos percorrido uns trinta quilómetros, com o carro a guinar bastante e Mr. e Mrs. Roberts a insultarem-se mutuamente, fazendo uso da mais extraordinária linguagem (tratou-se, sem dúvida, de um momento saído de *Quem tem medo de Virginia Woolf?*), quando Mr. Roberts, como seria de esperar, se enganou no caminho e se perdeu numa estrada rural sombria. Eu pedi-lhes uma e outra vez, e por fim pus-me a suplicar que parassem o carro e me deixassem sair, mas eles estavam tão embrenhados nas suas invetivas que me ignoraram. No fim de contas, o carro imobilizou-se de forma espontânea (temporariamente) quando foi embater contra o tronco de uma árvore. Aproveitei a oportunidade para sair de rompante pela porta traseira e corri para o meio da floresta. Pouco depois, o amaldiçoado veículo arrancou, deixando-me sozinho na escuridão gélida. Estou certo de que os donos do carro nem deram pela minha falta; sabe Deus que eu não senti a falta deles.

Não era lá muito agradável, porém, estar ali abandonado no meio de nenhures, numa noite fria e ventosa. Pus-me a caminhar, na esperança de

encontrar uma estrada movimentada. Caminhei durante meia hora sem avistar uma só habitação. Foi então que, a dois passos da estrada, vi uma pequena casa com o travejamento de madeira à vista, um alpendre e uma janela iluminada por uma candeia. Subi para o alpendre em bicos de pés e espreitei pela janela; uma anciã de cabelo branco e macio e rosto redondo e simpático estava sentada junto à lareira, a ler um livro. Tinha um gato enroscado no regaço e vários outros a dormitarem-lhe aos pés.

Bati à porta e, quando ela abriu, disse-lhe, com os dentes a bater de frio: — Peço imensa desculpa por vir incomodá-la desta maneira, mas tive... digamos... um acidente; será que posso usar o seu telefone para chamar um táxi?

— Valha-me Deus — disse ela, sorrindo. — Lamento, mas não tenho telefone. Sou demasiado pobre. Mas entre, por favor. — E, enquanto eu transpunha a soleira para penetrar na sala acolhedora, acrescentou: — Credo, você está gelado. Quer que lhe faça café? Uma chávena de chá? Tenho uma pingui-nha de *whiskey* que o meu marido deixou... ele morreu há seis anos.

Eu respondi que uma pingui-nha de *whiskey* vinha mesmo a calhar.

Enquanto ela ia buscar a bebida, aqueci as mãos ao lume e passei o olhar pela divisão. Era um lugar alegre, por onde deambulavam seis ou sete gatos, numa panóplia de cores típicas de gatos vadios. Olhei para o título do livro que Mrs. Kelly — pois era esse o nome dela, tal como mais tarde vim a descobrir — estava a ler: era *Ema*, de Jane Austen, uma das minhas escritoras preferidas.

Ao regressar com um copo cheio de gelo e uma pequena garrafa de *bourbon* coberta de pó, Mrs. Kelly disse-me: — Sente-se, sente-se. É raro eu ter quem me faça companhia. Tenho os meus gatos, é claro. De qualquer forma, vai cá passar a noite, certo? Tenho um quatinho de hóspedes muito simpático que está há tanto tempo à espera de uma visita... Amanhã de manhã, pode ir a pé até à estrada principal e apanhar boleia para a cidade, e lá encontra um mecânico para lhe consertar o carro. Fica a uns oito quilómetros daqui.

Perguntei a mim mesmo em voz alta como é que ela conseguia viver tão isolada, sem meios de transporte nem telefone; ela explicou-me que o seu bom amigo, o carteiro, lhe fazia todas as compras necessárias. — Chama-se

Albert. É muito simpático e tão leal. Mas vai reformar-se para o ano que vem. Depois disso, não sei o que hei de fazer. Mas há de se arranjar uma solução qualquer. Talvez um novo carteiro bondoso. Diga-me cá, que género de acidente foi esse, vamos lá a saber?

Quando lhe expliquei o que realmente sucedera, ela reagiu com indignação: — O senhor fez exatamente o que devia. Eu cá não punha os pés num carro com um homem que tivesse sequer cheirado um copo de xerez. Foi assim que perdi o meu marido. Estive casada quarenta anos, quarenta anos felizes, e perdi-o porque um condutor embriagado o atropelou. Se não fossem os meus gatos... — Pôs-se a fazer festas numa gata cor de laranja que lhe ronronava no regaço.

Conversámos junto ao lume até as pálpebras me começarem a pesar. Falámos acerca de Jane Austen («Ah, a Jane. A minha tragédia é que já li tantas vezes os livros dela que os decorei a todos de uma ponta à outra») e de outros autores que admirávamos: Thoreau, Willa Cather, Dickens, Lewis Carroll, Agatha Christie, Raymond Chandler, Hawthorne, Tchékhov, De Maupassant — ela era uma mulher de gosto apurado e diverso; a inteligência iluminava-lhe os olhos cor de avelã como o pequeno candeeiro a brilhar na mesa ao seu lado. Conversámos acerca dos invernos agrestes do Connecticut, dos políticos, de lugares distantes («Nunca fui ao estrangeiro, mas, se alguma vez tivesse tido oportunidade, o lugar que teria visitado era África. Às vezes, sonho com aquela terra, as verdes colinas, o calor, as girafas tão bonitas, os elefantes a andar de um lado para o outro»), de religião («Fui criada na fé católica, é claro, mas agora, quase me custa dizer, tenho um espírito aberto. Demasiadas leituras, talvez»), de jardinagem («Cultivo todos os meus legumes e depois faço conservas; que remédio»). E, por fim: — Desculpe-me esta tagarelice toda. Nem faz ideia do gosto que tenho em conversar assim. Mas já está na hora de o senhor ir para a cama. Eu também já devia estar deitada.

Acompanhou-me ao andar de cima e, depois de eu me instalar confortavelmente numa cama de casal, sob uma porção deliciosa de bonitas colchas de retalhos, regressou para me desejar boa noite e bons sonhos. Fiquei acordado na cama, a pensar naquilo. Que experiência excecional — uma velhota a viver

ali sozinha, no meio de nenhures, vem um estranho a meio da noite bater-lhe à porta de casa, e ela não apenas lhe abre a porta como o convida calorosamente a entrar e lhe oferece guarida. Caso os nossos papéis se invertissem, duvido que eu tivesse a mesma coragem, já para não falar da generosidade.

Na manhã seguinte, ela serviu-me o pequeno-almoço na cozinha. Café e papa de aveia quente com açúcar e leite condensado, mas eu tinha fome e a comida soube-me muito bem. A cozinha estava em pior estado do que o resto da casa; o fogão, um frigorífico matraqueante, tudo parecia à beira do colapso. Tudo exceto um objeto grande, relativamente moderno, uma arca frigorífica que se encaixava num canto da divisão.

Ela continuava a tagarelar: — Adoro pássaros. Sinto tantos remorsos por não lhes atirar as migalhas durante o inverno. Mas não os posso ter a esvoaçar constantemente em volta da casa. Por causa dos gatos. Gosta de gatos?

— Sim, em tempos tive uma siamesa chamada Toma. Viveu até aos doze anos, e viajávamos juntos para todo o lado. Pelo mundo inteiro. Depois, quando ela morreu, não tive coragem de arranjar outro gato.

— Então talvez compreenda isto — disse ela, conduzindo-me para junto da arca frigorífica, que abriu. Lá dentro viam-se somente gatos: pilhas de gatos congelados, perfeitamente conservados, dúzias deles. Experimentei uma sensação bizarra. — Todos os meus velhos amigos. No eterno repouso. É que eu não suportava a ideia de os perder. De os perder *completamente*. — Riu-se e acrescentou: — Deve achar que eu sou um bocadinho chalupa.

Um bocadinho chalupa. Sim, um bocadinho chalupa, pensei, enquanto caminhava sob céus cinzentos na direção da estrada que ela me indicara. Mas radiosa: uma candeia a brilhar numa janela.